

Revista Filosófica de Coimbra

VOL. 1 • N.º 2 • OUTUBRO 92

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA - *Modernidade, Fundamentalismo e Pós-Modernidade*

J. Ma. Ga. GOMEZ-HERAS - *La Naturaleza Reanimada - Del Desencantamiento del Mundo en la Racionalidad tecnológica al Reencantamiento de la Vida en la Utopia ecológica*

AMÂNDIO A. COXITO - *Ainda o Problema da Filosofia Portuguesa - Recordando Joaquim de Carvalho, no Centenário do seu Nascimento*

FRANCISCO V. JORDÃO - *Joaquim de Carvalho e Espinosa - O Acordo de Intenções no Campo político-religioso*

JOAQUIM NEVES VICENTE - *Subsídios para uma Didáctica Comunicacional no Ensino-Aprendizagem da Filosofia*

MÁRIO A. SANTIAGO DE CARVALHO - *Noção, Medição e Possibilidade do Vácuo segundo Henrique de Gand*

CRÓNICA

FILOSOFIA E CULTURA NO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE JOAQUIM DE CARVALHO

Decorreu nas instalações da Academia Figueirense o colóquio *Filosofia e Cultura / No centenário de Joaquim de Carvalho*, organizado pela Associação de Professores de Filosofia e submetido a um duplo objectivo: analisar a pertinência das interpretações filosóficas, estéticas e culturais de Joaquim de Carvalho e “fazer o ponto” dos conhecimentos actuais nos domínios favoritos do labor intelectual do ilustre mestre coimbrão. Três conferências e cinco mesas redondas preencheram os quatro dias de colóquio, que se realizou de 10 a 13 de Junho de 1992. Docentes da Universidade de Coimbra, quer da Faculdade de Ciências - como o Prof. Doutor António Amorim Costa - quer da Faculdade de Letras, e em particular do Instituto de Estudos Filosóficos, participaram activamente na iniciativa; é o caso dos Profs. Doutores Carvalho Homem, Francisco Vieira Jordão, Maria Luísa Portocarrero Ferreira da Silva, Amândio Coxito, Fernando Catroga, Carlos André e dos Drs. José Carlos Seabra Pereira e Ana Leonor Pereira. Todos apresentaram comunicações a convite da entidade organizadora, num contexto multidisciplinar destinado mais a reflectir com (e a partir do) trabalho de Joaquim de Carvalho do que a tomá-lo como ponto de referência erudito. E, neste sentido, pode considerar-se que a reflexão produzida pelos participantes (cuja publicação conjunta se prevê) constitui um momento significativo na cena historiográfico-cultural.

O programa do colóquio procurou, de facto, articular de um modo coerente as principais linhas de força do trabalho de Joaquim de Carvalho, atendendo, como pressuposto fundamental, a que reflectir sobre ele significa analisar a *textura filosófica* da historiografia das ideias.

A tese: “*O que somos, como-lo pela história*” conduz o Mestre de Coimbra a uma peculiar articulação entre Filosofia e História da Filosofia: dissipa a aparente “contradição que a história da filosofia parece conter intrinsecamente, ou seja a contradição entre o conceito de História como sucessão e diversidade de pensamentos, e o de Filosofia, como expressão da imutabilidade e eternidade da verdade” (Prefácio a *Introdução à História da Filosofia*, Arménio Amado Editor, Coimbra, 3ª edição, 1974, p. 19); e, nessa linha, entende a Filosofia como “o conhecimento do sistema (ou da Ideia) que evolui” e a História da Filosofia, assim colocadas em relação com o necessário desenvolvimento da História, são

terreno de opinião: "a filosofia (diz-se ainda no mesmo texto) é conhecer mediante conceitos, não é opinar nem deduzir uma opinião de outra".

De posse desta intuição, que vai progressivamente explicitando, Joaquim de Carvalho desenvolve um impressionante trabalho: começa por ser a elaboração das *possibilidades* de uma História da Filosofia em Portugal (publicação de fontes, reedição de textos básicos); prossegue numa interpretação de alguns objectos favoritos, entre os quais não será excessivo salientar a ideologia republicana, a lógica interna do sistema de Espinosa e a desenvolvimento existencial e metafísica de Antero; inclui uma abordagem do problema de uma "filosofia portuguesa", tornada questão relevante pelo trabalho sobre as condições, os temas e as personalidades da Filosofia em Portugal; desemboca numa elaboração teórica própria, distanciada do labor historiográfico, embora primitivamente diluída em monografias sobre outros autores e em privilegiado diálogo com poetas (Antero, Pascoaes).

Assim, reflectir sobre a obra de Joaquim de Carvalho é:

- a) abordar os problemas da *comunicação do texto filosófico* (trabalho exemplar como professor, administrador da Imprensa da Universidade, director da *Revista Filosófica* e coordenador da Biblioteca Filosófica da Atlântida Editora);
- b) reabrir a discussão ou tentar novas vias de debate para os filósofos da modernidade (Espinosa, Leibniz, Hegel, Husserl, Dilthey), para a ideologia republicana, para o problema da História da Filosofia em Portugal, para as possibilidades e resistências de uma verdadeira atitude científica entre nós e para a importância da literatura como capítulo de uma história das ideias;
- c) meditar, no crepúsculo do paradigma moderno, *o problema do filosofar* e não tanto a questão da filosofia ("O que importa é o filosofar e não a adopção de uma filosofia").

Os trabalhos que decorreram na Figueira da Foz procuraram ir ao encontro, precisamente, destas temáticas. O Prof. J. V. de Pina Martins fez a inscrição biográfica do percurso especulativo de Joaquim de Carvalho, na sessão de abertura. O Dr. Joaquim de Montezuma Carvalho, ensaísta e filho do homenageado, abordou o enraizamento concreto, existencial de qualquer filosofia e da atitude filosófica do Mestre. O Prof. Eduardo Lourenço, em comovida evocação, analisou o problema de Portugal no pensamento de Joaquim de Carvalho. E os Profs Viriato Soromenho Marques, João Caração e Ana Luísa Janeira, bem como os Drs João Luís Oliva, Cabral Pinto, Adelino Cardoso e Manuel Dias Duarte, participaram, com os docentes da Universidade de Coimbra já referidos, nas mesas-redondas.

Resultou, do conjunto de trabalhos, um Joaquim de Carvalho porventura inesperado, intérprete arguto mas discreto, elo insubstituível na compreensão actual da cultura portuguesa moderna, analista pertinente das articulações internas dos pensamentos mais do que das vicissitudes externas dos pensadores, filósofo inconcluso a caminho da explicitação de uma atitude filosófica própria. Se não houve conclusões emergiu, talvez, a complexidade coerente de paciente paixão, perseverança militante e irreprimível aspiração ao voo especulativo.

António Pedro Rita